

PROJETO
FAZ SENTIDO

AVALIAÇÃO EDUCACIONAL

Uma parceria:



SUMÁRIO

 CLIQUE PARA ACESSAR O CAPÍTULO DESEJADO

CAPÍTULO 1

**AVALIAÇÃO –
ALGUNS CONCEITOS**



P. 05

CAPÍTULO 2

**TIPOS DE
AVALIAÇÃO**



P. 13

CAPÍTULO 3

**APRENDIZAGEM,
DESENVOLVIMENTO,
DESEMPENHO: O QUE AVALIAR?**



P. 24

CAPÍTULO 4

**INSTRUMENTOS:
O QUE USAR PARA
AVALIAR**



P. 32

CAPÍTULO 5

**AS AVALIAÇÕES DE HOJE
– O QUE REPRESENTAM
PARA OS ALUNOS**



P. 42

CAPÍTULO 6

**AVALIAÇÕES
INOVADORAS:
TENDÊNCIAS**



P. 47

CRÉDITOS

Pesquisa, Conteúdo e Redação

Ana Luíza Rocha

Andréa Azambuja

Carolina Faria

Daniella Dolme

Fernanda Carpegiani

Michelle Fidelholc

Naiara Magalhães

Pedro Americo



Revisão crítica

Ocimar Alavarse



Design Gráfico

Tom Oliveira



Ilustrações

Shutterstock
Freepik
Flaticon

GRUPO DE TRABALHO



Especialista convidado

Daniel Brandão (fundador e diretor executivo da Move – Avaliação e Estratégia em Desenvolvimento Social)

Participantes

Alejandra Velasco (Todos pela Educação)
Bruna Waitman (MEL, Media Education Lab)
Cláudia Codolo (Educadora e tutora pedagógica)
Cláudio Maroja (Geekie)
Cynthia Sanches (Instituto Ayrton Senna)
José Gilberto Boari (Fundação Itaú Social)
Madalena Godoy (Cidade Escola Aprendiz)
Marcelo Ribeiro (QMágico)
Márcia Giupatto (Consultora em educação)
Régis Ferreira (Educador e tutor)
Walquíria Tibúrcio (Move)

Participação online de Gisela Lobo Tartuce



CAPÍTULO 1

AVALIAÇÃO — ALGUNS CONCEITOS

<< VOLTAR PARA O SUMÁRIO



AVALIAÇÃO: UM PROCESSO CONSTRUTIVO, CONJUNTO E SISTEMATIZADO

Para que uma avaliação seja bem desenvolvida, é preciso sistematizar de forma consistente as evidências necessárias para a sua finalização. **Uma prova ou um trabalho não são a avaliação em si, mas instrumentos que podem oferecer dados e evidências. Essas informações, quando qualificadas, amparam a análise, a reflexão e favorecem a avaliação para uma melhor tomada de decisões.**

Na escola, a avaliação da aprendizagem deve ser considerada como um dos possíveis instrumentos que orienta o professor a reorganizar o processo de ensino, permitindo aos alunos maiores oportunidades para melhorarem suas aprendizagens. Aos alunos, a avaliação da aprendizagem oferece um sinal sobre como foi seu engajamento, desempenho e percurso de aprendizagem, permitindo oportunidades ricas de reflexão e reposicionamento deles como aprendizes. E este processo ganha mais força e sentido quando os estudantes participam e opinam sobre a própria avaliação.

“OS PROCESSOS DE SISTEMATIZAÇÃO DO CONHECIMENTO E DE AVALIAÇÃO DEVERIAM SER SEMPRE REALIZADOS EM CONJUNTO COM OS ESTUDANTES. É MUITO IMPORTANTE QUE ELE – O ESTUDANTE – SAIBA O QUE SABE/APRENDEU E AQUILO QUE AINDA NÃO SABE/APRENDEU. AINDA QUE POSSA PARECER SEMÂNTICA, HÁ UMA GRANDE DIFERENÇA ENTRE DIZER QUE NÃO SE SABE ALGO OU QUE AINDA NÃO SE SABE ALGO. A AVALIAÇÃO DEVERIA MOSTRAR O QUE O ESTUDANTE AINDA NÃO SABE E SER UM PONTO DE PARTIDA (E NÃO DE CHEGADA) NO PROCESSO EDUCACIONAL.”

CÉLIA SENNA, especialista em educação revisora do presente estudo.


**A AVALIAÇÃO É UM
PONTO DE PARTIDA PARA
A APRENDIZAGEM E PARA
O DESENVOLVIMENTO
CONSTANTES!**





AFINAL, O QUE É AVALIAR?

Quando se pensa em avaliação, muitas ideias vêm à mente: prova, trabalho, nota, média, boletim, aprovação, reprovação, classificação etc. Por trás dessas palavras, estão diferentes conceitos e estratégias empregados para acompanhar e avaliar a aprendizagem dos alunos.



"AVALIAÇÃO É O PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO, LEVANTAMENTO E ANÁLISE DE INFORMAÇÃO RELEVANTE DE UM OBJETO EDUCACIONAL, QUE PODERÁ SER QUANTITATIVA OU QUALITATIVA, DE FORMA SISTEMÁTICA, RIGOROSA, UNIFICADA, DIRIGIDA, OBJETIVA, CRÍVEL, FIDEDIGNA E VÁLIDA."

Jose Francisco Lukas Mujika e Karlos Santiago Etxeberria, Evaluación educativa, Alianza, 2009.

Existem hoje no mundo **mais de 100 definições de avaliação educacional**. Os conceitos e estratégias empregados para avaliar a aprendizagem dos alunos convergem e divergem de acordo com a visão de cada teórico:

"ATO DE LEVANTAR INFORMAÇÃO SISTEMATICAMENTE COM RESPEITO À NATUREZA E QUALIDADE DE OBJETOS EDUCACIONAIS. ESSA DEFINIÇÃO COMBINA DESCRIÇÃO E JULGAMENTO, MAS OS DISTINGUE." David Nevo, Evaluation in education, Handbook of evaluation: policies, programs and practices, Sage, 2006.

"EMITIR UM JULGAMENTO DE VALOR SOBRE A CARACTERÍSTICA FOCALIZADA, PODENDO ESSE VALOR BASEAR-SE, PARCIAL MAS NÃO EXCLUSIVAMENTE, EM DADOS QUANTITATIVOS." Heraldo Marelim Vianna, Introdução à avaliação educacional, Ibrasa, 1989.

"INTERPRETAÇÃO DE MEDIDAS OU DESCRIÇÕES QUALITATIVAS, CONSIDERADAS EM RELAÇÃO A UMA NORMA ANTERIORMENTE ESTABELECIDA. O TERMO "AVALIAÇÃO" É, POR VEZES, EMPREGADO DE FORMA IMPRÓPRIA, COMO SINÔNIMO DE MEDIDA. NO ENTANTO, A AVALIAÇÃO ENVOLVE, ALÉM DE MENSURAÇÕES, DESCRIÇÕES QUALITATIVAS E REQUER, AINDA, INTERPRETAÇÃO, O QUE LHE É ESSENCIAL." Pedro Dionisio Lafourdace, Evaluación de los aprendizajes, Kapelusz, 1969.

MEDIR E ATRIBUIR VALOR

Atribuir um número de acordo com uma regra logicamente aceitável. Na avaliação da aprendizagem, a maioria dos professores utiliza como medida o número de **acertos em questões de teste. Toda avaliação deveria incluir uma medida, mas nem toda medida inclui, necessariamente, uma avaliação.** “Medir sem aliar à medida uma função formativa seria o mesmo que medir a febre de alguém, descobrir suas causas, mas não administrar nenhum remédio para a cura”.

CERTIFICAR

Atestar, afirmar, passar a certidão. Essa tomada de decisão envolve necessariamente um processo de julgamento, o que **inclui medida e avaliação.** Uma função importante da certificação, numa perspectiva formativa, é **estimular um processo de autoavaliação** por parte de quem é avaliado, buscando permanentemente a melhoria.

AVALIAÇÃO PARA CLAREAR METAS EDUCACIONAIS E PARA AMPARAR A EXPERIMENTAÇÃO DE NOVAS PRÁTICAS

Segundo B.S. Bloom, J. T. Hastings e G.F. Madaus, em Evaluación del aprendizaje (em tradução livre, Avaliação da Aprendizagem), além de a avaliação ser um método para adquirir e processar as evidências necessárias para melhorar o ensino e a aprendizagem, também serve para **clarear os objetivos e as metas educacionais.**

Além disso, é um sistema de controle de qualidade pelo qual pode ser determinada, etapa por etapa do processo ensino-aprendizagem, a efetividade ou não do processo e quais mudanças devem ser feitas para garanti-la.



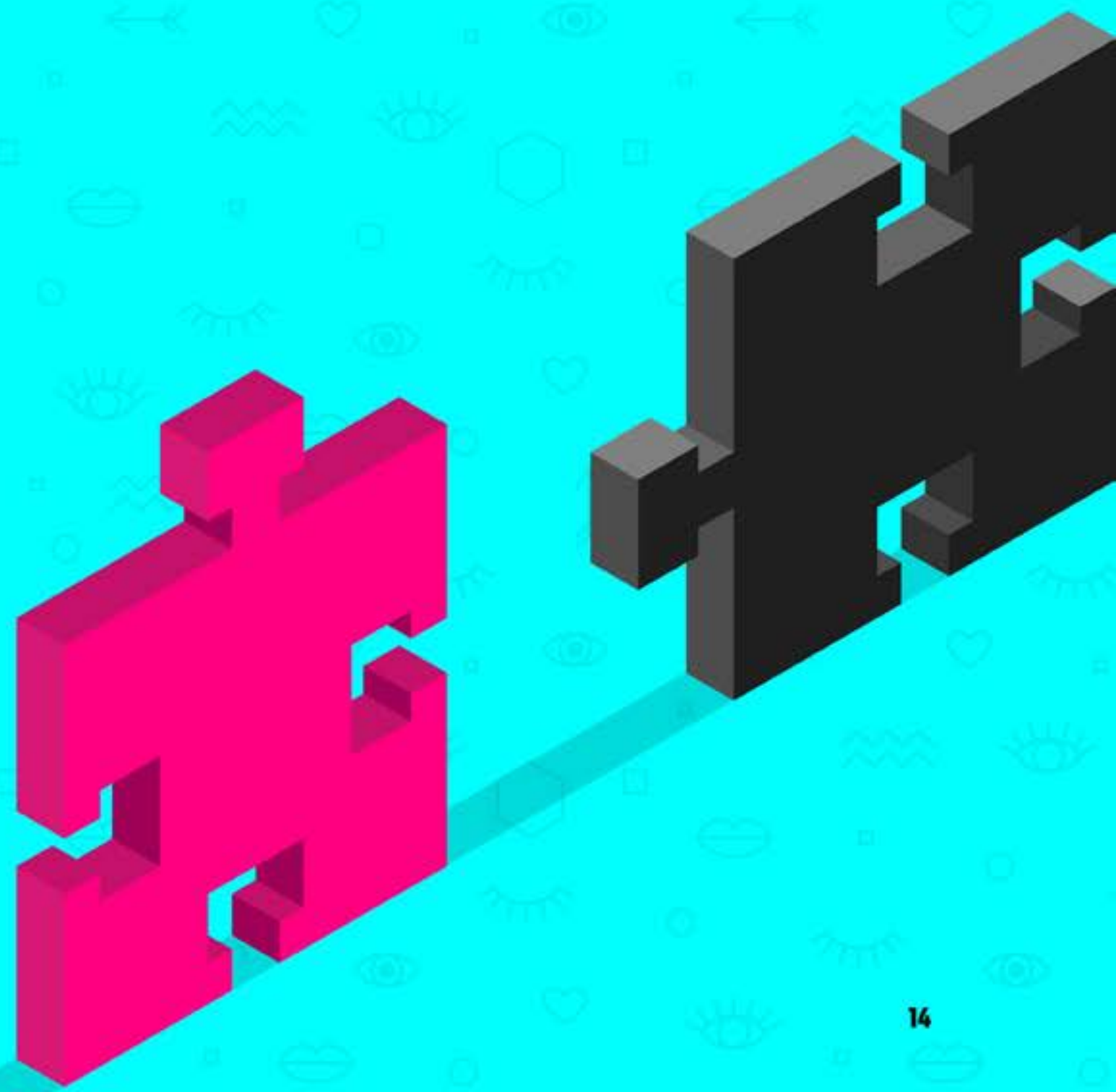


CAPÍTULO 2

TIPOS DE AVALIAÇÃO

[<< VOLTAR PARA O SUMÁRIO](#)

No campo educacional, a avaliação pode ser feita a qualquer momento – e, por conta disso, pode ter funções diferentes. Três delas largamente difundidas e discutidas são a **Diagnóstica**, a **Formativa** e a **Somativa**. Embora as duas primeiras sejam, em geral, analisadas em oposição à somativa, as três formas de avaliar devem ser vistas como complementares.



AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA

Esta avaliação acontece antes ou no início de uma sequência de aprendizagens. Ela fornece informações ao professor sobre os conhecimentos e esquemas cognitivos prévios dos estudantes, bem como sobre o grau de apropriação de conteúdos relevantes para a aprendizagem planejada.

Ela pode ser feita de diferentes modos: com uma roda de conversa com a turma sobre a sequência de aprendizagem, com uma prova, com uma atividade em grupo, etc.

O professor pode usar os dados da avaliação diagnóstica para decidir como vai organizar as atividades da sequência de aprendizagem que deseja realizar.



AVALIAÇÃO FORMATIVA



A avaliação pode ter uma função formativa quando os resultados são otimizados para acompanhar o desenvolvimento das aprendizagens do aluno de forma constante, fornecendo **informações que direcionem a ação pedagógica ao longo de seu percurso escolar.**

A avaliação formativa também deve estimular os alunos a **opinar, mostrar suas dificuldades e perceber que a avaliação pode contribuir para a sua aprendizagem,** inclusive como oportunidade para que aprendam com os próprios erros.

Na perspectiva de engajamento dos estudantes no processo de avaliação, é importante recuperar o que disse Roland Abrecht, autor de A Avaliação Formativa (1994): **a avaliação formativa não se resume a um método,** mas se constitui, antes, como atitude.

“ OS GRANDES OBJETIVOS DA AVALIAÇÃO FORMATIVA SÃO, DE FATO, A CONSCIENCIALIZAÇÃO, POR PARTE DO ALUNO, DA DINÂMICA DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM (OBJETIVOS, DIFICULDADES E CRITÉRIOS)(...) A LUTA CONTRA A PASSIVIDADE. ”

Fontes: B.S. Bloom, J. T. Hastings e G.F. Madaus, Evaluación del aprendizaje, Troquel, 1975;
Geekie, e-book Como a Avaliação Externa pode Ajudar sua Escola (<http://migre.me/w6sVK>); Roland Abrecht, A Avaliação Formativa, Edições ASA, 1994.

AVALIAÇÃO SOMATIVA

A avaliação somativa é aquela realizada ao final de cada programa – que pode ser uma unidade de ensino – ou, sobretudo, ao final de cada etapa de ensino. Ela serve para verificar o grau de domínio de alguns objetivos pré-estabelecidos e se propõe a representar um **balanço somatório, de síntese, do trabalho pedagógico proposto.**

“O DIFERENCIAL DA AVALIAÇÃO SOMATIVA, POR OCORRER NO FINAL DO PROCESSO, É QUE ELA GERA INFORMAÇÕES SOBRE A QUALIDADE DO PROCESSO INSTRUCIONAL, O QUANTO OS OBJETIVOS DE APRENDIZAGENS FORAM ALCANÇADOS, POR ISSO, MUITOS PREFEREM CHAMAR ESSA AVALIAÇÃO DE RESULTADOS FINAIS DE APRENDIZAGEM.” (GEEKIE, 2016)

Esse tipo de avaliação não está focado apenas nos resultados dos alunos. Uma das suas utilidades é fornecer informações e orientações para a eventual reedição dos programas e cursos.

AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA + FORMATIVA + SOMATIVA



É importante que haja um **equilíbrio no uso das práticas de avaliação**, como se fossem complementares. Em um primeiro momento, é possível identificar os conhecimentos prévios do estudante, por meio de avaliação diagnóstica.

A avaliação somativa, embora forneça um balanço dos aprendizados ao final de um ciclo de ensino, também pode desempenhar um importante papel formativo. Basta usar seus resultados para embasar tomadas de decisão que melhorem o processo de ensino-aprendizagem. Afinal, durante a etapa em que estão na escola, os alunos também podem contribuir para o planejamento dos anos seguintes.

“OPOR AVALIAÇÃO FORMATIVA E SUMATIVA (EM PORTUGUÊS DE PORTUGAL, EQUIVALENTE AO “SOMATIVO” DO BRASILEIRO), VALORIZANDO A PRIMEIRA E GENSURANDO A SEGUNDA NÃO TEM SENTIDO PEDAGÓGICO, AMBAS PODENDO, E DEVENDO, SER FORMADORAS”

JOSÉ AUGUSTO PACHECO, doutor em Educação.

[EXPERIÊNCIA INSPIRADORA]

A **Escola Lumiar, em São Paulo (SP)**, realiza uma avaliação integrada, unindo as abordagens somativa e formativa. As notas não são a única maneira de avaliar o conhecimento adquirido e os avanços dos alunos, e a avaliação tem como propósito fazer com que eles **reconheçam suas facilidades e dificuldades**. Assim, os estudantes entendem quais são os próximos passos que devem ser tomados para atingir seus objetivos e assumem o compromisso com seu processo de aprendizagem.



AVALIAÇÕES EXTERNAS

As avaliações também costumam ser classificadas como "internas" ou "externas". Enquanto as primeiras são aquelas realizadas pelos professores com os estudantes, as segundas são feitas por agentes externos. Como envolvem muitos jovens e escolas, essas avaliações são frequentemente realizadas em larga escala.

Em geral, nas avaliações externas a proposta é **avaliar o desempenho dos estudantes em língua portuguesa e matemática**. Duas bastante conhecidas de escolas brasileiras são o Pisa, de **responsabilidade da ODE**, e o **Saeb**, do qual faz parte a **Prova Brasil**, de responsabilidade do INEP.



O **Programa Internacional de Avaliação de Alunos** (Pisa) é realizado com jovens na faixa dos 15 anos de idade de aproximadamente 65 países, avaliando seus conhecimentos em leitura, matemática e ciências, alternadamente, a cada três anos. Os dados colhidos no exame já permitiram tecer diversas análises comparativas entre os países e desfazer alguns mitos, como o de que “estudantes pobres estão destinados a fracassar na escola” ou que “salas de aula menores elevam o nível do ensino”. Os sistemas educacionais com melhor desempenho no Pisa, em vez de gastarem dinheiro com classes pequenas, investem em salários mais competitivos para os professores, desenvolvimento profissional constante e cargas horárias equilibradas. (BBC, 2015)

A **Prova Brasil** é realizada com estudantes do 5º e 9º anos do Ensino Fundamental de escolas públicas e, a partir de 2017, com estudantes do 3º ano do Ensino Médio de escolas públicas e privadas. A prova avalia competências de língua portuguesa, com foco em leitura, e matemática, com foco na resolução de problemas, a cada dois anos. Na hora de analisar seus resultados, vale fazer uma comparação com os resultados anteriores, avaliar a evolução das notas e sempre realizar uma análise conjunta com os exames internos. E tudo deve ser divulgado à comunidade.

IMPORTANTE: na hora de analisar os resultados das avaliações externas, é preciso levar em conta outros dados além da média geral. Número de estudantes matriculados, perfil socioeconômico e tempo de permanência na escola são indicadores valiosos para realizar comparações mais fiéis à realidade.

ENEM

Até 2016, os resultados do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) eram utilizados tanto para avaliar escolas como para conceder certificados de conclusão do Ensino Médio. Desde 2017, as notas do Enem deixam de ser enviadas às escolas e sua função passa a ser exclusivamente a de fornecer notas para ingresso no Ensino Superior, como acontece com os vestibulares.

VESTIBULAR

O vestibular é usado como indicador de excelência por algumas escolas – o resultado dos estudantes aprovados pode servir como propaganda, como observa o educador Ocimar Alavarse. Se por um lado a prova pode ser uma forma de olhar para o desempenho dos estudantes do Ensino Médio, se revista, também poderia ser entendida como uma avaliação para o futuro, que julgasse quem tem os conhecimentos necessários para ingressar nos desafios do Ensino Superior.

No vestibular, assim como no Enem, entra em cena uma noção de medida, que atribui ao aluno um número segundo uma regra pré-estabelecida.



Alguns tipos de avaliação externa são mais úteis para a elaboração de políticas públicas pelos governos, pois fornecem indicadores da aprendizagem de grandes grupos de estudantes em intervalos de tempo mais extensos (ex: Prova Brasil, a cada dois anos, e Pisa, a cada três). **Outros podem ser apropriados com maior facilidade pelas redes de ensino e suas escolas**, já que seus resultados saem a tempo de ser empregados pelas equipes das Secretarias de Educação e pelos professores ainda com a turma que foi avaliada (ex: avaliações bimestrais ou semestrais desenvolvidas pelos próprios municípios).

De qualquer forma, o objetivo principal na análise dos resultados das avaliações externas deve ser obter informações que possibilitem trabalhar por melhorias nos processos de aprendizagem.

“A ESCOLA QUE NÃO SE AVALIA OU QUE DESENVOLVE APENAS A SUA AUTO-AVALIAÇÃO, ESTÁ ALHEIA AO REAL OU ENGANADA POR UMA AUTO-IMAGEM QUE, POR MAIS VALOR E QUALIDADE QUE TENHA, CARECE SEMPRE DE SER COMPARADA COM UM OLHAR EXTERNO. AS AVALIAÇÕES EXTERNAS PERMITEM CONTRASTAR OLHARES, PERSPECTIVAS, INTERPRETAÇÕES, SOLUÇÕES E AVALIAÇÕES.”

SENTENÇA O PROFESSOR ALEXANDRE VENTURA, PESQUISADOR NA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA E NA UNIVERSIDADE DE AVEIRO, EM PORTUGAL. **(GEEKIE, 2016)**



CAPÍTULO 3

APRENDIZAGEM, DESENVOLVIMENTO, DESEMPENHO: O QUE AVALIAR?

<< VOLTAR PARA O SUMÁRIO





NO CONTEXTO ESCOLAR, UM DOS DESAFIOS É DETALHAR QUAIS APRENDIZAGENS DOS ESTUDANTES SERÃO AVALIADAS.

O QUE AVALIAR?

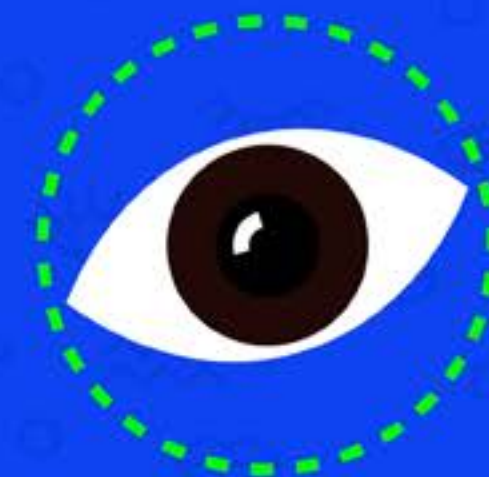
O ponto de partida para qualquer avaliação escolar é o currículo, que determina o que a escola pretende ensinar – o que também é chamado de "**objetos de ensino**". Para definir estes objetos, algumas escolas se apoiam no conteúdo de vestibulares ou de livros didáticos, por exemplo.

Com os objetos de ensino bem delineados, é mais fácil delimitar o que será avaliado – ou os "**objetos de avaliação**" –, o que deve ser feito pelos professores mediante a descrição daquilo que será avaliado.

A partir dessas descrições, devem ser pensadas **as tarefas avaliativas**, que serão propostas aos jovens para a realização da avaliação. Essas tarefas podem ser agrupadas em três tipos: itens de múltipla escolha, itens de resposta construída (quando os estudantes escrevem uma resposta, que pode ser curta ou mais longa, como é o caso de uma redação) e tarefas de performance (que demandam que os estudantes demonstrem coisas, como, por exemplo, apresentem maquetes, façam apresentações em seminários, dancem ou cantem).

As deduções sobre as aprendizagens dos jovens podem ser feitas, então, a partir da realização dessas tarefas, que podem ser agrupadas para constituir **instrumentos de avaliação**, cujos elementos constitutivos são chamados de **itens**, como acontece nos itens de uma prova ou elementos de uma grade de observação.

COMO AVALIAR?



Para garantir que a avaliação seja justa e de fato possa identificar - o quanto possível - as aprendizagens que os alunos construíram, é importante que as escolas tenham cuidado no modo de organizar os instrumentos de avaliação. Bons e diversificados instrumentos de avaliação devem estar disponíveis e os professores devem saber utilizá-los.

A escola pode construir um **banco de itens** (testes de múltipla escolha) comum aos professores de cada área. Também pode estabelecer critérios comuns para a correção e avaliação das produções individuais (redações, relatórios de pesquisa). Pode, ainda, construir formas comuns de avaliar atividades em grupo como seminários ou atividades de resolução de problemas.

Todos esses instrumentos devem gerar evidências da aprendizagem e essas evidências sustentam a percepção do professor sobre o que, de fato, os estudantes puderam aprender.



COMO AVALIAR CAPACIDADES NÃO-COGNITIVAS?

Hoje, fala-se muito no desenvolvimento integral dos jovens, que compreenda capacidades intelectuais, emocionais, culturais, sociais e físicas, entre outras. Se por um lado é fundamental observar e estimular tais competências, existem questões éticas e técnicas quanto a sua avaliação.

Por exemplo, o que exatamente é ser "bom" socialmente? Como transformar práticas sociais em um objeto de avaliação? De que forma julgar as competências emocionais de um aluno?

A reflexão sobre o tema é tão importante quanto complicada – e muitas instituições em prol da educação estão se empenhando para desenvolvê-la, inclusive investindo em testes e novos instrumentos de avaliação que, em algum nível, compreendam e abordem as características não cognitivas.



DESENVOLVIMENTO DE PROFESSORES E EQUIPE GESTORA DA ESCOLA

A avaliação não pode ser direcionada apenas aos estudantes: o desempenho dos professores e da equipe gestora também devem ser constantemente repensados e aprimorados. Só assim será possível desenvolver e renovar as práticas e, por consequência, impactar positivamente os estudantes e impulsioná-los em sua evolução.

Encontrar uma medida justa para avaliar a qualidade e a efetividade das práticas docentes é uma tarefa complexa. É importante não limitar a avaliação dos professores a uma prova de conteúdo, nem tomar o desempenho dos jovens como reflexo direto da qualidade dos profissionais – afinal, outras variáveis, como as questões estruturais, também entram nessa conta.

Como profissionais em desenvolvimento, os professores devem ser convidados a participar ativamente da avaliação de seu próprio trabalho. Combinar estratégias de autoavaliação com estratégias de avaliação feita pela equipe gestora tem sido um caminho promissor experimentado em algumas redes.



COMO AVALIAR OS PROFESSORES?

De acordo com a Plataforma Aprender, o **desempenho dos professores** deve ser avaliado a partir das capacidades de:



ENGAJAR > Despertar nos alunos interesse, entusiasmo, comprometimento e participação.

PROMOVER DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL > Levar os estudantes a desenvolver abertura às diferenças, sociabilidade, determinação, postura inovadora, entre outras.

PROMOVER DESENVOLVIMENTO SOCIAL > Levar os alunos a reconhecer e exercer direitos e deveres, agir de forma ética, sustentável e responsável, participar da vida política e ser agente de transformação.

FAZER BOM USO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, SEGUNDO OS SEGUINTE CRITÉRIOS:

Personalização > Adaptação das práticas pedagógicas ao perfil, ritmo, interesses e conhecimentos prévios de cada aluno.

Experimentação > Adoção de práticas pedagógicas baseadas em vivências práticas e interativas.

Uso do território > Aproveitamento dos ativos do entorno da escola para ampliar tempos, espaços e agentes da aprendizagem.

Uso da tecnologia > Adoção de tecnologias digitais no processo de ensino-aprendizagem.

Uso de práticas pedagógicas diversificadas > Capacidade de adotar, promover e aplicar práticas pedagógicas mais diversificadas.

COMO AVALIAR A EQUIPE GESTORA?

De acordo com a Plataforma Aprender, o **exercício da equipe gestora da escola** pode ser analisado a partir das seguintes habilidades:

PLANEJAMENTO > Capacidade de elaborar e implementar o PPP (Projeto Político Pedagógico), documento que define e orienta os objetivos e as estratégias pedagógicas e de gestão da escola

GESTÃO DAS PESSOAS > Capacidade de promover uma gestão participativa e de engajar as famílias dos alunos.

GESTÃO DA APRENDIZAGEM > Capacidade de monitorar o desempenho dos alunos e de construir uma visão de futuro para a escola.

GESTÃO DO ORÇAMENTO > Capacidade de captar, distribuir e executar os recursos da escola de forma eficiente, segundo prioridades que favoreçam, em primeiro lugar, a aprendizagem dos alunos.

GESTÃO DA INFRAESTRUTURA > Capacidade de manter um ambiente funcional às atividades escolares e o mais convidativo possível para os alunos.



CAPÍTULO 4

INSTRUMENTOS: O QUE USAR PARA AVALIAR

<< VOLTAR PARA O SUMÁRIO



Quando falamos de instrumentos avaliativos, vale recuperar a afirmação de Cipriano Carlos Luckesi sobre eles:

“ OS DENOMINADOS INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO, PARA SER CORRETO, DEVERIAM SER CHAMADOS DE INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS PARA A AVALIAÇÃO, NA MEDIDA EM QUE TESTES, PROVAS, REDAÇÕES, MONOGRAFIAS, ARGUIÇÕES, EM SI, NÃO AVALIAM, MAS SIM COLETAM DADOS QUE DESCREVEM O DESEMPENHO PROVISÓRIO DO ALUNO, DANDO BASE PARA A SUA QUALIFICAÇÃO DIANTE DE DETERMINADOS CRITÉRIOS ”

CIPRIANO CARLOS LUCKESI, EDUCADOR, UM DOS NOMES DE REFERÊNCIA EM AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR NO BRASIL.

Fonte: Cipriano Carlos Luckesi, O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem?, Pátio, ARTMED, 2000 (<http://migre.me/vZo8q>).

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO

Talvez a maioria das avaliações nas escolas brasileiras sejam amparadas pelo que costumam ser chamados...

"provas objetiva ou de múltipla escolha": séries de perguntas com apenas uma resposta certa.

"provas subjetivas": com respostas "de escrever", nas quais os estudantes precisam estabelecer ligações, analisar, trabalhar a coerência e a concisão, entre outros.

"seminários": situações nas quais os estudantes precisam explorar conceitos e falar para os demais.

"trabalhos em grupo": tarefas realizadas em conjunto.

"debate": grupos de discussão em que a escuta e a oposição de argumentos são estimuladas.

"autoavaliação": tarefas através das quais os próprios jovens refletem e expõem o que pensam sobre o próprio desempenho.

Apesar de serem comumente diferenciadas dessa forma, como mencionado no capítulo anterior, existem basicamente três modalidades de instrumentos avaliativos:

- **Itens de múltipla escolha**
- **Itens de resposta construída**
- **Tarefas de performance (ou de atuação)**

Nos três casos, os instrumentos precisam ser construídos de modo que permitam uma avaliação a mais objetiva – ou menos subjetiva – quanto possível.

Para itens de resposta construída, um recurso para avaliá-los é utilizar as **rubricas**, que explicitam os aspectos a serem avaliados e a descrição das gradações para cada um desses aspectos – por exemplo, metodologia, viabilidade, gramática etc.

PORTFÓLIO

O QUE É?

Uma coleção de registros, trabalhos e referências que evidenciam o percurso da aprendizagem. Tem foco no processo de trabalho dos estudantes e sua ação reflexiva sobre eles. Ou seja, “é uma coleção sistematizada de forma intencional de trabalhos dos alunos que conta um pouco da história do seu esforço, progresso e das suas realizações (...) durante certo período de tempo”, conforme explica Aline de Souza Bona, doutoranda em Informática em Educação.

O portfólio tem a seguinte estrutura: **introdução** (apresentação do conteúdo), **breve descrição** de cada trabalho, **datas** em que eles foram feitos, **seção de revisão** com reflexões do jovem, **autoavaliação** e uma parte reservada aos **seus comentários**.



COMO FAZER?

Os portfólios virtuais podem ser uma boa opção para que os estudantes reúnam suas produções – sejam músicas, desenhos, textos, vídeos etc. Esses materiais podem ser hospedados em um blog, na intranet da escola ou até mesmo em programas gratuitos adotados pelo professor para compartilhamento de arquivos.



+ Acesse o Portfólio Europeu de Línguas e explore um portfólio estruturado de forma completa. Disponível em: <http://migre.me/w6wsc>
Fonte: Aline de Souza Bona, O Portfólio de Matemática: um instrumento de avaliação reflexiva e também uma estratégia de aprendizado (<http://migre.me/w6wqD>)

TESTE ADAPTATIVO

O QUE É?

Os testes adaptativos são “simulados inteligentes” disponíveis em plataformas de ensino online, **que permitem uma avaliação personalizada** por estudante. As questões são selecionadas pelo computador segundo os níveis estimados de habilidade de cada um: assim, primeiro são apresentadas questões de nível mediano e, conforme o estudante vai acertando ou errando, o sistema apresenta questões mais fáceis ou mais difíceis, para medir seu nível exato de proficiência naquela disciplina.

Dessa forma, cada jovem pode ter de responder questões diferentes, e o teste consegue **determinar a proficiência de cada um de maneira mais precisa do que um teste padronizado** (ou seja, se a mesma prova fosse aplicada a todos os estudantes).



O grau de dificuldade das questões e a coerência das respostas amparam a pontuação dos testes adaptativos, que, depois da identificação do que cada estudante sabe ou do que ainda não sabe, sugerem estudos de conteúdos específicos que os ajudem a preencher lacunas de conhecimento.

COMO FAZER?

É preciso ter acesso a ambientes virtuais com testes adaptativos, como a Geekie Games, plataforma nacional que ajuda estudantes a se prepararem para o Enem.

SENNA – AVALIAÇÃO NACIONAL DE SOCIOEMOCIONAIS

O QUE É?

A Senna (sigla em inglês para Avaliação Nacional de Competências Socioemocionais ou Não Cognitivas) é uma ferramenta desenvolvida pelo Instituto Ayrton Senna, com apoio da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) que tem foco em competências socioemocionais.

Ela oferece um questionário com até 92 perguntas a serem respondidas pelos estudantes **sobre si mesmos (seu comportamento em determinadas situações)**, e as respostas representam um indicador sobre cinco grandes domínios de sua personalidade (veja mais no capítulo “O que avaliar?”).

De acordo com a Senna, resultados atestam que adolescentes com competências socioemocionais

mais desenvolvidas tendem a ter melhor desempenho escolar, e que é possível estimulá-las com ações intencionais, por meio de políticas públicas.

EM TESTE

Com uma primeira amostragem (cerca de 25 mil estudantes da Rede estadual do Rio de Janeiro), foi feito um trabalho de aprender como aprimorar a medição das habilidades. Os resultados foram apresentados em 2014, durante o Fórum Internacional de Políticas Públicas “Educar para as Competências do Século 21.”



MEDALHAS DIGITAIS (BADGES)

O QUE É?

Os “badges” são medalhas digitais desenvolvidas para comprovar a participação em cursos, atividades e projetos, complementando informações dos currículos tradicionais. Elas permitem que a aquisição de uma nova habilidade seja compartilhada em redes sociais, portfólios online ou sites pessoais, contendo informações como instituição emissora, data e descrição de atividade, além de links com evidências de que o aluno de fato cumpriu o exigido (como vídeos de apresentações, por exemplo).

“Na medida em que o ensino é cada vez menos linear, os badges podem contar a história das experiências de aprendizado de uma pessoa ao longo de sua vida”, afirma Nate Otto, diretor da Badge Alliance, organização que trabalha pela popularização dos distintivos digitais nos EUA.

COMO FAZER?

O uso de medalhas digitais está mais difundido fora do Brasil, mas por aqui já existem algumas iniciativas. Uma delas é o site Khan Academy, que tem versão em Português para aulas gratuitas de matemática, ciências programação de computadores, história, arte e economia, e usa o recurso das medalhas. Outra é o site Arkos, que se propõe a motivar crianças a ler mais e dá pontos e medalhas para o aluno que responder perguntas sobre o que leu, numa base de dados com cerca de 6.000 livros infantis.

[+www.khanacademy.org](http://www.khanacademy.org)
www.arkos.com.br

+ Acesse o Portfólio Europeu de Línguas e explore um portfólio estruturado de forma completa. Disponível em: <http://migre.me/w6wsc>
Fonte: Aline de Souza Bona, O Portfólio de Matemática: um instrumento de avaliação reflexiva e também uma estratégia de aprendizado (<http://migre.me/w6wqD>)

Conheça um exemplo aplicado de badges/ microcertificados utilizado pela plataforma Khan Academy:

TIPOS DE MEDALHAS



As medalhas **Meteorito** são comuns e fáceis de ganhar quando se está apenas começando.



As medalhas **Lua** são raras e representam um investimento em aprendizagem.



As medalhas **Terra** são raras. Exigem uma quantidade significativa de aprendizado.



As medalhas **Sol** são épicas. Ganhá-las é um verdadeiro desafio e exige extrema dedicação.



As medalhas **Buraco Negro** são lendárias e desconhecidas. São os prêmios mais raros da Khan Academy.



As **Medalhas de desafio** são prêmios especiais obtidos por completar desafios de tópico.

ALÉM DA ESCOLA

Cities of Learning (em livre tradução, “Cidades de Aprendizado”)



Neste projeto, as cidades americanas são incentivadas a integrar, no processo de aprendizado dos jovens, não só escolas, bibliotecas e museus, mas todo o aparato público e instituições privadas locais. Uma plataforma online sugere caminhos de aprendizagem aos jovens, conectando-os a experiências, eventos e mentores em escolas e companhias, por exemplo. Os alunos podem ganhar *badges* por atitudes cidadãs desenvolvidas em projetos fora da escola, como defesa de animais e participação em programas de reciclagem. Cidades como Chicago, Dallas e Washington D. C. já aderiram.

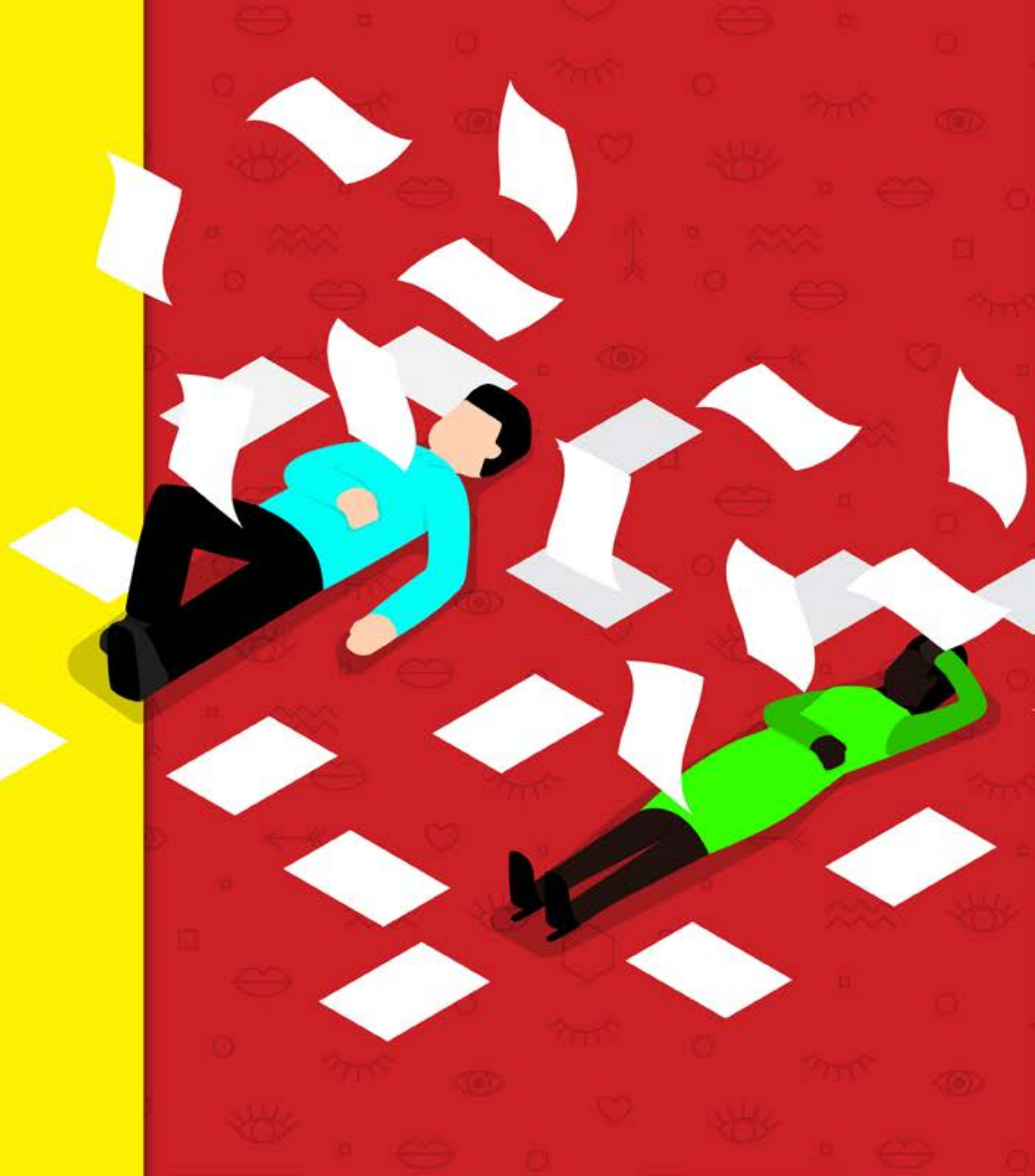




CAPÍTULO 5

AS AVALIAÇÕES DE HOJE — O QUE REPRESENTAM PARA OS ALUNOS

<< VOLTAR PARA O SUMÁRIO



MEDO E ESTIGMA



Testes e provas escolares muitas vezes são encarados pelos jovens como algo **negativo** e até com sentido de **punição**. Há momentos em que as avaliações acabam, de fato, sendo utilizadas para classificá-los em estudantes “bons ou ruins”.

É importante reforçar: não existe estudante bom ou ruim, e sim apenas estudante. Criar essa divisão é, inclusive, abrir espaço para rótulos e preconceitos (“o nerd”, “o burro”, “o preguiçoso”, “o gênio”, “o inteligente”), que podem criar barreiras e traumas relacionados ao processo de aprendizagem.

A avaliação, a despeito dessas marcas, deve ser trabalhada com os jovens para que vejam nela um ponto de apoio para a sua aprendizagem.

Cada estudante é único: tem seu ritmo, suas facilidades e dificuldades. E os processos avaliativos precisam olhar para essas singularidades, sem que se crie uma atitude de comparação entre eles, mas sim de cada um consigo mesmo.

“(A INSEGURANÇA FACE À AVALIAÇÃO ESCOLAR REMETE PARA A IMPORTÂNCIA QUE ELA ASSUME PARA OS JOVENS), MANIFESTANDO O MAL-ESTAR E A ANGÚSTIA QUE SENTEM, FACE À POSSIBILIDADE E AO REAL INSUCESSO, E PARALELAMENTE, O ENORME DESEJO DE SEREM CONSIDERADOS COMO INDIVÍDUOS DE VALOR (...) OS CONTEÚDOS DESTES FATORES EVIDENCIAM, TAMBÉM, A RELEVÂNCIA DA DIMENSÃO COMPARATIVA COM OS COLEGAS E AS DIFICULDADES SENTIDAS FACE À COMPETIÇÃO E AO INDIVIDUALISMO”

MARIA GOUVEIA PEREIRA, PROFESSORA E DOUTORA EM PSICOLOGIA SOCIAL, E SARA SÁ PIRES, PSICÓLOGA.

“AS PESQUISAS TÊM BUSCADO UMA COMPREENSÃO DE COMO A ANSIEDADE DE PROVA AFETA NEGATIVAMENTE O DESEMPENHO. A PRINCIPAL DESCOBERTA É A INFLUÊNCIA DECISIVA DE FATORES COGNITIVOS, COLOCANDO A DETERIORAÇÃO DO RENDIMENTO COMO RESULTANTE DO DESVIO DA ATENÇÃO SELETIVA: PENSAMENTOS NEGATIVOS OU IRRELEVANTES PARA A TAREFA OCUPAM A MENTE DO ALUNO ALTAMENTE ANSIOSO POR OCASIÃO DA PROVA OU EXAME, ROUBANDO-LHE A ATENÇÃO QUE DEVERIA CONCENTRAR-SE POR INTEIRO NA TAREFA EM CAUSA”

JOSÉ ALOYSEO BZUNECK, MESTRE EM EDUCAÇÃO.

A AVALIAÇÃO PRECISA SER VISTA COMO ALGO POSITIVO!



AVALIAÇÃO SEM MEDO

Uma das alternativas para conduzir avaliações sem medo é envolver mais os jovens na condução desse processo. Estar aberto a críticas e sugestões reforça a importância da avaliação para o estudante e permite que ele aprenda com seus erros, como já foi falado no capítulo 1.

Nesse sentido, equilibrar melhor o uso de avaliações com funções somativas e formativas pode ser um bom caminho para **reduzir o estigma e o medo das avaliações**. A avaliação formativa, além de fornecer informações fundamentais para a prática pedagógica do professor, permite que os jovens mostrem seus conhecimentos – e suas dificuldades – sem os elevados níveis de stress e ansiedade associados às provas.



A **dopamina** é um neurotransmissor que estimula o cérebro e está associado à sensação de prazer. Durante a juventude, a quantidade de dopamina no organismo aumenta drasticamente, fazendo com que os jovens sejam muito mais responsivos e ativos na busca de atividades que os façam sentir prazer. Por isso, **é mais fácil estimular os estudantes por meio de reconhecimento, prêmios ou gratificações do que via castigos.**

+ Veja capítulo 6, sobre certificações

+ Acesse o estudo Adolescentes do FAZ SENTIDO e saiba mais sobre neurociência e adolescência (<http://migre.me/w6v9d>)

Fontes: José Aloyseo Bzuneck, Ansiedade e desempenho numa prova de matemática: um estudo com adolescentes, 1991 (<http://migre.me/w6v5Y>);

Laurence Steiberg, Age of Opportunity, Lessons from the New Science of Adolescence, First Mariner Books, 2015.



CAPÍTULO 6

AVALIAÇÕES INOVADORAS: TENDÊNCIAS

[<< VOLTAR PARA O SUMÁRIO](#)



PROVAS E OUTROS INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO TRADICIONAIS TÊM SUA IMPORTÂNCIA GARANTIDA E VALIDADA, MAS NÃO SÃO O ÚNICO CAMINHO PARA AVALIAR A APRENDIZAGEM DOS JOVENS.

APRESENTAMOS NESTE CAPÍTULO ALGUMAS TENDÊNCIAS INOVADORAS, EM FORMATO E MÉTODO DE APLICAÇÃO, QUE EXPANDEM AS POSSIBILIDADES DO PROCESSO DE AVALIAÇÃO E SERVEM COMO COMPLEMENTO AOS INSTRUMENTOS E METODOLOGIAS JÁ ESTABELECIDOS.

GRANDE TENDÊNCIA

AVALIAÇÃO ADAPTATIVA

A ideia é oferecer instrumentos de avaliação que, ao invés de virem prontos, sejam construídos conforme o aluno responde às questões, o que evita que uma prova fique muito fácil ou muito difícil. Isso porque todo instrumento já pronto tem um máximo e um mínimo de conhecimento exigido para sua resolução.

Como apresentamos no Capítulo 4, quando falamos em "Teste Adaptativo", as avaliações adaptativas podem estar integradas às plataformas adaptativas, como são chamados os ambientes de aprendizagem online. Eles são baseados em algoritmos que analisam o desempenho dos jovens em tempo real para sugerir conteúdos específicos para as suas necessidades.

Assim, as tarefas vão sendo oferecidas em graus de dificuldade conforme os acertos e erros de quem a está respondendo, e o nível de dificuldade de cada item apresentado depende da resposta do item anterior. Isso gera uma medida de proficiência mais precisa e com menor número de itens respondidos.

Esse tipo de teste é chamado de Testes Adaptativos Computadorizados (CAT, na sigla em inglês, e TAI em castelhano).



KHAN ACADEMY

Considerado o maior site do mundo para se aprender matemática, o Khan Academy oferece exercícios, vídeos de instrução e um painel de aprendizado personalizado que permite aos estudantes aprender no seu próprio ritmo dentro e fora da sala de aula. Cada professor também tem a seu alcance um painel onde encontra o diagnóstico de aprendizagem de cada aluno, podendo acompanhar o desempenho deles e pensar na melhor intervenção para cada caso.

PROVAS ELETRÔNICAS

As provas eletrônicas partem do mesmo conceito que as provas comuns, mas os recursos tecnológicos potencializam uma série de aspectos do processo avaliativo, como, por exemplo, o processamento das respostas ou a possibilidade de oferecer imagens e sons que não seriam possíveis no papel.

Os testes adaptativos informatizados utilizam provas eletrônicas.



AVALIAÇÃO COLETIVA

É importante que, em algumas circunstâncias, o professor não avalie os resultados dos trabalhos sozinho, e sim coletivamente, junto com toda a turma.

“(...) EM SALA DE AULA, AS OBSERVAÇÕES INDIVIDUAIS SÃO DISCUTIDAS E SISTEMATIZADAS PARA QUE O APRENDIDO INDIVIDUALMENTE SEJA ELABORADO COLETIVAMENTE. (...) O ESFORÇO SE JUSTIFICA POR DESENVOLVER A PARTICIPAÇÃO COM PROTAGONISMO, INESTIMÁVEL PARA O DESENVOLVIMENTO DE CADA ESTUDANTE”

LUIZ CARLOS DE MENEZES, FÍSICO E EDUCADOR DA USP.



AVALIAÇÃO ENTRE PARES

Colocar os jovens na posição de avaliadores uns dos outros faz com que eles assimilem o processo de aprendizagem e avaliação de uma forma mais direta, imediata e amigável.

Além de estimular a participação e o protagonismo dos estudantes, a avaliação entre pares permite que os que aprendem sejam construtores do seu próprio conhecimento, como explica Vera Monteiro e Rodrigo Fragoso no estudo Avaliação entre pares, do Instituto Educação e Psicologia da Universidade Minho, em citação aos autores Black e William (2001).

- Ao aprender a avaliar o seu trabalho e o trabalho dos outros, os estudantes desenvolvem critérios para julgar a sua qualidade.
- A prática ajuda a desenvolver hábitos e capacidades de colaboração nas aprendizagens.
- Professores como os estudantes percebem de forma mais concreta o papel da avaliação na revisão da aprendizagem.
- **Os estudantes são participantes e não “vítimas” no processo de avaliação.**

Fonte: Vera Monteiro e Rodrigo Fragoso, Avaliação entre pares, Actas do VIII Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia, Instituto Educação e Psicologia da Universidade Minho, 2005 (<http://migre.me/wivzS>).



O PROCESSO DE AVALIAÇÃO É FUNDAMENTAL PARA O DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL E PREGISA ESTAR CONECTADO COM A CONCEPÇÃO QUE SE TEM DA EDUCAÇÃO COMO UM TODO.

COMBINAR AVALIAÇÕES DIAGNÓSTICAS, FORMATIVAS E SOMATIVAS, EXTERNAS E INTERNAS, INSTRUMENTOS E MÉTODOS DE APLICAÇÃO DIFERENTES FAZ PARTE DE UM ESFORÇO PARA PROMOVER A APRENDIZAGEM E O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DOS INDIVÍDUOS.

AS POSSIBILIDADES SÃO MUITAS E NÃO FALTAM MODELOS PARA SE INSPIRAR, COMO AS INICIATIVAS DA PROFESSORA CÉLIA E DO PROFESSOR RODRIGO, A SEGUIR.

[EXPERIÊNCIA INSPIRADORA]

MAPAS MENTAIS

A professora Célia Aparecida Garcia percebeu que a avaliação final de sua disciplina não era eficiente. Além de deixar os estudantes tensos, a prova não estimulava a aprendizagem ao longo de todo o semestre e muitos só estudavam para a avaliação.

Inspirada em uma capacitação sobre metodologias ativas de aprendizagem, ela teve a ideia de usar a ferramenta do mapa mental -- diagrama usado para relacionar conteúdos e ideias -- como forma de avaliação.

“Funciona assim: no centro do mapa vai o nome da disciplina, e aí os alunos vão puxando tópicos principais das aulas (...). A partir desses, eles vão colocando outros itens que se relacionam com os conteúdos. Eu estimulei que eles usassem a criatividade, figuras, desenhos e outros elementos que achassem interessantes, tudo isso pra ficar uma produção mais atrativa”, descreve a professora, que leciona Gestão de Equipes na Fatec-Guaratinguetá (Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo).





[EXPERIÊNCIA INSPIRADORA]

VÁRIAS ESTRATÉGIAS DE ENSINO, VÁRIAS FORMAS DE AVALIAR

As aulas de História do professor Rodrigo Perla Martins para o 8º ano do Colégio Monteiro Lobato, em Porto Alegre, baseia-se em várias formas de ensinar e avaliar. Ele aplica uma série de tarefas avaliativas e analisa as várias formas de expressão do aluno, como ler e interpretar, redigir, desenhar e buscar informações.

Os instrumentos são apresentados de acordo com o tema trabalhado e todas as impressões viram relatório. Em uma das avaliações, por exemplo, Rodrigo pediu uma produção visual, um desenho ou uma história em quadrinhos em que os estudantes tinham de descrever o encontro entre nativos e portugueses na chegada destes ao Brasil, em 1500. “A maneira como os dois povos se relacionaram, o cenário, as roupas, os hábitos e a língua deveriam estar presentes na cena”, explica.



BIBLIOGRAFIA

<< VOLTAR PARA O SUMÁRIO



ALBUQUERQUE-COSTA, Heloisa. Autoavaliação e portfólio(s): instrumentos de reflexão metacognitiva do processo de ensino-aprendizagem de francês língua estrangeira. Disponível em: <http://migre.me/vZobv>. Acesso em: 03/02/2017.

BACICH, Lilian; NETO, Adolfo Tanzi; DE MELLO TREVISANI, Fernando. Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação. Penso Editora, 2015. Disponível em: <http://migre.me/vZoTI>. Acesso em: 03/02/2017.

BLACK, P.; WILLIAM, D. Theory and Practice in the Development of Formative Assessment, King's College, University of London, 2001

BLOOM, Benjamin S. Hastings, et al. "Evaluación del aprendizaje." (1975).

BONA, Aline Silva de. O Portfólio de Matemática: um instrumento de avaliação reflexiva e também uma estratégia de aprendizado. Disponível em: <http://migre.me/vZp4v>. Acesso em: 03/02/2017.

BZUNECK, JOSÉ ALOYSEO. Ansiedade e desempenho numa prova de Matemática: um estudo com adolescentes, 1991. Disponível em: <http://migre.me/vZp8H>. Acesso em: 03/02/2017.

CONSELHO DA EUROPA. Portfólio Europeu de Línguas – Educação Básica. Disponível em: <http://migre.me/vZp6U>. Acesso em: 03/02/2017.

COSTA, Marina Morena. School of One leva ensino

personalizado à rede pública. In: Portal Porvir, Inovações em Educação, 19 nov 2012. Disponível em: <http://migre.me/vZoY9>. Acesso em: 03/02/2017.

DEPRESBITERIS, Léa. Certificação de competências: a necessidade de avançar numa perspectiva formativa. In: Revista Formação, Humanizar cuidados de saúde: uma questão de competência, Ministério da Saúde, 2001. Disponível em: <http://migre.me/w4i3u>. Acesso em: 16/02/2017.

FAZ SENTIDO. Adolescentes. In: Plataforma Faz Sentido, Estudos. São Paulo, 2015. Disponível em: <http://bit.ly/adolescentes-faz-sentido>. Acesso em: 02/03/2017.

GENTILE, Patrícia. Avaliação Nota 10. In: Revista Nova Escola, nov 2001. Disponível em: <http://migre.me/vZp2K>. Acesso em: 03/02/2017.

GOMES, Patrícia. As 5 ações e os donos do próprio aprendizado. In: Portal Porvir, Transformar, 11 abr 2013. Disponível em: <http://migre.me/vZp1d>. Acesso em: 03/02/2017.

INSPIRARE, Instituto et. al. Plataforma Aprender – Avaliação de Impacto. Disponível em: <http://migre.me/vZoNf>. Acesso em: 03/02/2017.

LAFOURCADE, Pedro Dionisio. Evaluación de los aprendizajes. Buenos Aires: Kapelusz, 1969

LEAL, Ubiratan. Prova Brasil será aplicada para todos os alunos do 3º ano do Ensino Médio em 2017. In: Nova Escola, 22 fev 2017. Disponível em: <http://migre.me/wfeg8>. Acesso em: 19/03/2017

LENOIR, Carolina. Avaliação deve reforçar potencialidades e sucessos. In: Portal Porvir, Inovações em Educação, 7 mai 2015. Disponível em: <http://migre.me/vZoOK>. Acesso em: 03/02/2017.

LOPES, Noêmia. 7 ações para aproveitar bem a Prova Brasil. In: Gestão Escolar, 01 set 2011. Disponível em: <http://migre.me/vZog2>. Acesso em: 03/02/2017.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem; visão geral, 2002. Disponível em: <http://migre.me/vZo5h>. Acesso em: 03/02/2017.

LUCKESI, Cipriano Carlos. O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem? Disponível em: <http://migre.me/vZo8q>. Acesso em: 03/02/2017.

LUMIAR. Avaliação Integrada. Disponível em: <http://migre.me/vZoZ0>. Acesso em: 03/02/2017

LUKAS MUJIKÁ, Jose Francisco; SANTIAGO ETXEBERRIA, Karlos. Evaluación educativa. 2. ed. Madrid: Alianza, 2009.

MONTEIRO, Vera; FRAGOSO, Rodrigo. Avaliação entre pares. In: Actas do VIII Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia, Instituto Educação e Psicologia da Universidade Minho, 2005. Disponível em: <http://migre.me/wivzS>. Acesso em: 23/03/2017

NEVO, David. Evaluation in education. In: SHAW, Ian F.; GREENE, Jennifer C.; MARK, Malvin M. (Ed.). Handbook of evaluation: policies, programs and practices London: Sage, 2006.

OUCHANA, Deborah. Qual o futuro do projeto GENTE?. In: Revista Educação, 29 abr 2014. Disponível em: <http://migre.me/vZoWQ>. Acesso em: 03/02/2017.

OLIVEIRA, GP de. Avaliação formativa nos cursos superiores: verificações qualitativas no processo de ensino-aprendizagem e a autonomia dos educandos. In: OEI-Revista Iberoamericana de Educación, 2002. Disponível em: <http://migre.me/wistx>. Acesso em: 23/03/2017

OLIVEIRA, Vinícius de. Avaliação formativa enxerga o que o Pisa não vê. In: Portal Porvir, Inovações em Educação, 15 jun 2015. Disponível em: <http://migre.me/vZogL>. Acesso em: 03/02/2017.

OLIVEIRA, Vinícius de. Microcertificações seguem toda a experiência de aprendizado. In: Portal Porvir, Transformar, 28 ago 2015. Disponível em: <http://migre.me/vZp4V>. Acesso em: 03/02/2017.

PACHECO, José Augusto. Avaliação das Aprendizagens. Políticas formativas e práticas sumativas, 2012. Disponível em: <http://migre.me/vZod3>. Acesso em: 03/02/2017.

PELLEGRINI, Denise. Avaliar para ensinar melhor. In: Revista Nova Escola, 01 jan 2013. Disponível em: <http://migre.me/w6N1Q>. Acesso em: 03/02/2017.

PEREIRA, Maria Gouveia; PIRES, Sara Sá. Experiência escolar e julgamentos acerca da autoridade, 1999. Disponível em: <http://migre.me/vZoLK>. Acesso em: 03/02/2017

RAMOS, Marise N. Qualificação, competências e certificação: visão educacional, 2002. Disponível em: <http://migre.me/vZo7b>. Acesso em: 03/02/2017.

SOUZA, Lígia M. G.; VIÉGAS, Rosemari Fagá. Avaliação escolar no Brasil e políticas públicas. In: Pesquisa em Debate, edição especial, 2009. Disponível em: <http://migre.me/vZoQq>. Acesso em: 03/02/2017.

STEINBERG, Laurence. Age of Opportunity: Lessons from the new science of adolescence. Mariner Books, 2014.

VIANNA, Heraldo Marelím. Introdução à avaliação educacional. São Paulo: Ibrasa, 1989. (Biblioteca Educação, 40).

WAAL, Paula de; TELLES, Marcos. A taxionomia de Bloom, 2004. Disponível em: <http://migre.me/vZo9d>. Acesso em: 03/02/2017.

PROJETO
FAZ SENTIDO

OBRIGADO!

Uma parceria:

